

José da Cruz Santos **Editor, amigo, homem de causas**

Letárgica, a glicínia
inicia a sua queda gotejante
de lilás, partilha a fragância.
E em todo o recanto em flor
prevalece a constância inocente
e alheia a qualquer tormento.
(*Flor Campino*)

O senhor José Cruz Santos conhece muito mundo, sabe o que é novo, não se ilude com novidades. É amante, protetor, alquimista, guardião das palavras que andam por aí sem casa, ao desabrigo do tempo, vulneráveis e peregrinas. Há, nos seus livros, precisão de arquiteto, mestria de escultor, polifonias de artista. Lerá ele palavras, nas entrelinhas das palavras, assinaturas únicas nos rostos e nos gestos? É muito provável.

Ele é *o editor*, “o melhor editor português, [...] outros usufruirão de maior atenção, mas, em amor pelos livros, em gosto gráfico, em capacidade interventiva, não vejo ninguém capaz de pôr o pé diante de Cruz Santos”, um nobel da literatura, José Saramago, *dixit*.

Do editor, com mais propriedade e saber, outros dirão, porventura os autores que ele edita, em íntimo “diálogo entre a escrita e as artes plásticas”.

Havendo um futuro que ninguém conhece, e acreditando que somos também o que fica de nós, as muitas centenas de livros que saíram das mãos do senhor José Cruz Santos guardar-lhe-ão a memória – desde *Poema para Uma Bailarina Negra*, passando por *Padre Américo: Páginas Escolhidas e Documentário Fotográfico*, até ao último que venha a publicar.

A amizade é coisa rara. Escapa ao arbítrio dos pactos, não tem declinação exata, não é da ordem da vontade nem mesmo da decisão.

Ignora idades, está para lá da presença física, das palavras ou silêncios espaçados. Talvez a categoria de milagre a explique.

José da Cruz Santos cultiva a poética do encontro. Tratando-se de amigos, penso às vezes que tem o relógio esquecido ou parado, num fundo de algibeira, de que fala António Ramos Rosa. De outro modo, como dizer que ele é despudoradamente amigo dos seus amigos sem que isso soe a lugar-comum ou palavra de circunstância?

Com memória prodigiosa, sensível ao pequeno gesto, assinala datas, inaugura códigos, alimenta rituais exclusivos com cada amigo. Tem muitos e há muito que vive e atua em rede, cabendo nela os que, entretanto, foram partindo. É rizomático o seu agir quotidiano. Tem inteligência e tática de “distribuidor de jogo”. O que é melhor, congrega pessoas, o que é ainda melhor, liga-as; e o que é ainda muito melhor, entusiasma-as em torno de uma ideia ou projeto.

O Senhor José Cruz Santos é homem de convicções e de causas. A si mesmo as impõe com perspicácia, paciência, tenacidade, assumindo-as com alegria, “embora com tristeza por poder tão pouco”. Admira os despojados e os que quiseram e querem melhorar o mundo, seja qual seja o caminho, credo ou cor política.

Penso nele como alguém mais alto do que as ondas que lhe vão tocando em sorte. Vejo nele a vocação vertical dos troncos que continuam a crescer, mesmo à força de perder as folhas. Também isso é lição.

Lá fora, as nuvens desenham sombras na terra.

Gostava que estas palavras tivessem um exaltado aroma de glicínia.

Henrique Manuel Pereira

(Universidade Católica Portuguesa)